

Apresentação

Álvaro Luiz Heidrich

Cláudia Luísa Zeferino Pires

Esta coletânea de textos foi reunida com a ideia de trazer discussões sobre abordagens metodológicas em Geografia e demais campos de estudo sobre espaço e cultura, estratégias de levantamento de dados e sua análise. Como se expressa em seu título, trata-se de abordagens – enfoques ou aproximações –, pois, tanto no todo como em cada capítulo, se compreende que metodologia é uma *arquitetura* em adaptação. Um arranjo para viabilizar a pesquisa, sobre algo em descobrimento, sempre em aprontamento, nunca acabado. Temos o objetivo de contribuir com ideias, métodos e técnicas qualitativas em pesquisa, bem como discutir criticamente para o desenvolvimento teórico e metodológico desse campo de conhecimento.

Os estudos que interligam espaço, sociedade e cultura, o objeto das pesquisas aqui refletidas orienta nosso foco de atenção destas para práticas qualitativas, que lidam com a discursividade, a narrativa e as expressões subjetivas. Contudo, não é exclusivamente sobre procedimentos e técnicas de pesquisa o que se discute, pois o entrelaçamento com a ideia que sustenta a investigação remete em muitos trabalhos à reflexão sobre Método, envolvendo também o fundamento epistêmico e teórico. Este é o ponto de partida tomado no capítulo de introdução desta obra, no qual Álvaro Heidrich

entrelaça método, metodologias, geografia cultural e social, e as modalidades de abordagem qualitativa usuais nesse campo. Os capítulos seguintes estão organizados em outras quatro partes: (I) *Cartografias e narrativas*; (II) *Etnografias em redes e territórios*; (III) *Percorrer, ver e escutar em campo* e (IV) *Decifrar falas*. A aproximação reunida em cada parte diz respeito a experiências, tanto teóricas como empíricas, pautadas pela orientação comum de conterem reflexões e relatos metodológicos. Nesse sentido, expõem fundamentos de pesquisa e apontamentos como recortes espaço-temporais, métodos de coleta de dados e os desafios discutidos e analisados na abordagem ali reportada.

A primeira parte reúne cinco textos com foco mais orientado para as metodologias da participação entre pesquisados e pesquisadores, em trabalho de diálogo e construção da compreensão de seus lugares de vida. No capítulo dois, Nola Gamalho, ao tratar a oralidade como uma prática que perpassa várias modalidades, observa que ela ultrapassa o material, mas como se trata do subjetivo de nossas vidas, dele não se separa. O estudo está fortemente embasado em sua experiência na pesquisa, permitindo-lhe trazer argumentos bem pautados, não deixando, contudo, de oferecer a abertura teórica necessária. Reflete sobre a posição do estranho que se adentra no espaço vivido do outro e como isso vai se transfigurando e oferecendo possibilidades de leitura.

No capítulo três, Cláudia Pires, Christiano de Paula e Helena Bonetto recontam uma vivência de extensão universitária que buscou trabalhar memórias de moradores sobre seu bairro, à maneira de um resgate cartográfico vivido. Ao refazerem os mapas, vivenciarem memórias, pesquisadores e moradores compuseram um conto. Virou livro, registrou memória e transformou-se em conhecimento. Atrevemo-nos a dizer que, *de lambuja*, retrabalhou metodologia, pois o recontar trazido aqui está permeado de discussão bem amparada.

No capítulo quatro, Ana Mitchell discute a formulação de sua pesquisa na qual buscou compreensão sobre a vivência de pequenos agricultores em espaço geográfico demarcado por corredores ecológicos. Relata a ideia inicial da pesquisa, influenciada pelo imaginário de encontrar tipos específicos de uso do solo à possibilidade de corredores ecológicos, o que teria influenciado a escolha de entrevistados e sua própria postura de pesquisadora. O reconhecimento de ter encontrado complexidade muito maior denuncia sua honestidade intelectual. Seu texto ensaia filosofia e poética, não deixando de ser criterioso – metodológico. Seu estudo percorre o trabalho de campo como um espaço para conhecer outros pontos de vista e o diário de campo como um espaço de autorização para registros e reflexões.

No capítulo cinco, o Coletivo de Apoio à Reforma Urbana¹ (CARU) relata as ações desenvolvidas em projeto de extensão realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul junto a duas comunidades quilombolas da cidade de Porto Alegre. O projeto foi acompanhado por discussões metodológicas continuadas e estudos teóricos também frequentes. Além desse aspecto, o trabalho de extensão manteve a equipe sempre em contato com a comunidade e suas crianças e adolescentes, com a ideia de desenvolver um processo educativo de aprendizagem sobre o espaço vivido com procedimentos de construção de narrativas e cartográficas sobre ele. Nesse texto, o grupo reflete sobre os fundamentos da ação-pesquisa e comenta o *passo a passo* de seu percurso.

No capítulo seis, Dirce Suertegaray, Mateus Oliveira e Elisa Delfino relatam o desenvolvimento de um projeto que teve o objetivo de registrar o uso da terra em área protegida da Amazônia, porém sem desvinculá-lo dos modos das populações tradicionais desse espaço. A cartografia social consistiu na metodologia ajustada para a tarefa. Envolveu, evidentemente, tanto o levantamento das práticas de uso e a concretude das paisagens da área, quanto as compreensões e significados delas para as comunidades ribeirinhas.

A segunda parte conta com três diferentes enfoques de etnografia, todos eles, porém, com sua própria associação dessa metodologia com o espaço, como espaço vivido, microterritório ou multilocalização. No capítulo sete, Benhur Pinós da Costa desenvolve autêntica discussão teórico-metodológica. Nela, ele expõe argumentos em fundamentação de uma geografia do cotidiano, viabilizada por metodologia de participação observante. Como já vem fazendo em vários de seus estudos, Benhur desenvolve especial atenção para a escala e o enfoque microterritorial. A atenção para esse âmbito da pesquisa justifica-se por favorecer o encontro espacial dos eventos e das ações coletivas e individuais que, analisados por suas condições múltiplas de negociações das diversidades, configura um procedimento metodológico “de dentro” (*Géographie dedans*).

No capítulo oito, Adnilson Silva desenvolve um trabalho de etnogeografia, uma etnografia orientada para a compreensão da territorialidade indígena *Kawahib*. Seu texto relata a preocupação típica do etnógrafo (ou etnogeógrafo, então), à medida que expõe descrição empírica e esforço de articulação teórica numa articulação de bases históricas, antropológicas e geográficas. Trabalha autêntico *passo a passo* metodológico, explicitado em dezessete pontos preparatório (pré-campo) e cinco outros pontos basilares para o seu transcorrer amparado em fenomenologia. Seu depoimento ainda nos enriquece ao final, mediante explanação de argumentos de avaliação crítica.

¹ Participaram os então alunos do Curso de Geografia da UFRGS, e associados da seção Porto Alegre da AGB, Felipe da Costa Franco, Igor Dalla Vechia, João Pedro Izé Jardim, Marília Guimarães Rathmann e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

O capítulo nove fecha esta parte do livro, trazendo mais uma modalidade de aproximação entre etnografia e geografia. Tem a ver com a necessidade de rediscussão dos procedimentos etnográficos em vista de tratar aspectos não restritos em localização. A renovação alcançada implica na realização do trabalho de campo em outra escala, de processos mais globais, de articulação de redes sociais, o que evidencia a importância de seu tratamento em geografia. Lucas Panitz e Luis Felipe Murillo aprofundam a discussão teórica de bases antropológicas e geográficas e comentam suas explorações de pesquisa.

A terceira parte deste livro dedica-se ao percurso e registro em campo, e também ao olhar e escuta da paisagem. Inicia-se com o capítulo dez, de Marcos Torres, que vê a paisagem sob outra forma: sua sonoridade. No estudo relatado, que objetiva lidar com a paisagem sonora do espaço religioso, lida com ambos os conceitos e desenvolve a pesquisa registrando os sons desse meio e articula, com bases na compreensão do imaginário memorizado, uma análise com enfoque na oralidade dos sujeitos pesquisados. Como já vínhamos apontando, trata-se de uma “arquitetura” metodológica adaptada. Possui bases sólidas de fundamentação e orientação justamente delineada ao objeto em atenção.

O capítulo onze é fruto de uma escrita coletiva elaborada no *Pagus* – Laboratório da Paisagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul². O laboratório reúne pesquisadores, professores e alunos envolvidos com a pesquisa com a paisagem. No texto, eles explicitam a dupla consideração dessa feição geográfica, tanto como fato objetivo, material, como imaginário, produto de uma compreensão estética da Geografia. Por isso, não poderia deixar de estar presente no conjunto dos relatos e discussões desta coletânea. A paisagem, como imaginário nas narrativas literárias, musicais e das artes plásticas, possui enlace fenomenológico para sua abordagem. O texto reporta-se também aos temas de pesquisa, nos quais tanto o delineamento objetivo da paisagem em unidades, como a sua caracterização por motivações ambientais, turísticas, emotivas etc. necessitam da consideração de metodologias qualitativas.

O capítulo doze, de Theo de Lima, enfoca o trabalho de campo como metodologia de estar em paisagem. Ele inicia seu texto, porém, percorrendo orientações mais clássicas dessa operação tão geográfica quanto a própria disciplina. Interessante é o fato de o autor tomar no seu texto a própria ideia do percurso em campo. Nele, então, lida com a metodologia como ferramenta, que envolve preparação da atividade em levantamento documental e a atividade em diálogo com pessoas, além das anotações de observação e, aos poucos, vai delineando um discurso de propósito transformador: aproximando poética e geograficidade.

² Participaram da escrita: Roberto Verdum, Daniele Caron, Letícia Coelho, Marina Martins, Lucas Panitz, Maurício Pimentel, Geovane Aparecida Puntel, Mário Rangel, João Paulo Schwerz, Luis Aberto Silva, Juliane da Soller e Lucimar de Fátima Vieira.

Júlia de Aguiar discorre, no capítulo treze, último desta seção, sobre a tomada de cenas em vídeo-documentário. Ela se reporta à construção da experiência cinematográfica para seu uso como uma metodologia de construção do saber em campo. Embora preenchido de recursos e orientações técnicas, constitui modalidade para lidar com a narrativa que envolve espaços vividos, por meio de um artefato inteiramente cultural. Seu texto detalha revisão teórica e encaminha a ideia de pertinência dessa arte com a geografia. O vídeo-documentário oferece uma maneira de fazer entrevista, com a qual o entrevistador-cineasta proporciona ao sujeito entrevistado a reflexividade, que permite associar imagens aos registros de fala.

A última parte desta coletânea traz três contribuições voltadas para a leitura de narrativas, válidas tanto para os textos transcritos de entrevistas como para os documentos já escritos. Elas envolvem a análise de elaborações dos discursos, nos quais é necessário escrutinar e decifrar seus conteúdos. A primeira dessas contribuições, o capítulo quatorze, de Daniela Grimberg e Adriana Dorfman, traça uma orientação teórico-metodológica sucinta, como oferece a possibilidade do espaço de um capítulo apenas, mas bastante completa. Oferece a possibilidade tanto de uma primeira orientação, como de revisão dos aspectos básicos que estão ali associados. O que se pode destacar como muito pertinente à proposta deste livro é a articulação do embasamento conceitual sobre o imaginário, como as notícias sobre lugares e fenômenos geograficamente localizados, geralmente portadoras de conotações que reclamam desvelo. Pelo que se vê na discussão, reforça nossa compreensão de que a subjetividade requer cuidado não apenas nas modalidades de sua coleta e escuta, mas também na sua leitura.

Camilo Darsie discute, no capítulo quinze, geografia e saúde com o auxílio da análise do discurso. Sua orientação apresenta a variante de fundamentar seu trabalho com o aporte dos estudos culturais. Parte da indagação sobre as maneiras com que o espaço é referido nos discursos sobre saúde, pois coconsidera que os mesmos são capazes de orientar ou provocar transformações culturais. Sua discussão está bastante centrada na análise dos documentos da Organização Mundial de Saúde, que apesar de mencionarem aspectos espaciais nos problemas e ações de saúde, fundamentalmente se configuram por meio de estatísticas e não por ações orientadas ao espaço como um contexto integrado.

O capítulo dezesseis, de Edson Silva e Joseli Silva, também explora a análise de conteúdo. O estudo, porém, centra-se no argumento de propor a clivagem de gênero como fundamento para desnaturalizar o ponto de vista dominante nas ciências sociais. Nesse sentido, defendem que a organização de instrumentos de pesquisa estruturados em questionários fechados não permite essa exploração que é justamente a abordagem do qualitativo, das entrevistas abertas, histórias de vida e observações participantes que podem revelar aspectos não esperados que precisam ser estudados, trazidos em consideração como informação efetiva. No decorrer do

texto, expõem procedimentos para lidar com a questão proposta e o recurso que fazem (e propõem) de ferramentas informacionais.

Não é demais enfatizarmos aqui que o conteúdo que está neste livro reunido é rico e emparelha-se à atenção e discussões atuais em crescimento sobre o tratamento do imaginário. Alinha-se aos demais estudos que fazem reconhecimento da interface materialidade-imaterialidade, do agir social e do simbólico. Nossa expectativa é de uma proveitosa leitura.

Porto Alegre, Janeiro de 2016.

Os organizadores